



FaE
Faculdade de Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE

FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS - FIEI

CHEGADA E APROPRIAÇÃO DA CULTURA DIGITAL NO TERRITÓRIO XAKRIABÁ



Eliézer Gonçalves de Oliveira

Terra Indígena Xakriabá, 2022

CHEGADA E APROPRIAÇÃO DA CULTURA DIGITAL NO TERRITÓRIO XAKRIABÁ

Eliézer Gonçalves de Oliveira

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção ao Título de Licenciado em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Coorientador: Edgar Nunes Corrêa (Edgar Kanaykõ Xakriabá), Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Terra Indígena Xakriabá, 2022

AGRADECIMENTOS:

Quero agradecer primeiramente a Deus por nos dar força e estar nos ajudando a passar por esse momento complicado e de tristeza que está sendo esse período de pandemia de covid-19. Pedir a Deus que conforte cada um que perdeu um parente, amigo ou colega nesse período.

Agradeço especialmente minha esposa Jéssica Maísa Alkimim Pereira, que desde o primeiro momento em que decidi fazer a prova do vestibular FIEI, me ajudou e me deu força para conseguir fazer o curso. Também minha filha Ayra Asseredy Alkimim de Oliveira de 3 anos de idade, que nasceu nesse período em que estava fazendo o curso, que desde antes de chegar nesse mundo já era e é minha inspiração para vencer as dificuldades do dia a dia.

Também agradecer a todos meus familiares que sempre me deram força e se preocuparam quando saímos de casa para ir atrás dos nossos sonhos. Quero citar o nome do meu pai Otelice Nunes de Oliveira e minha mãe Lucineia Gonçalves de Oliveira, que sempre me ajudaram e me deram os melhores conselhos.

Quero agradecer também aos caciques e lideranças que sempre nos ajudaram de todas as formas possíveis para estar presente no curso. Eles sempre nos aconselham e lutam pela continuidade do curso do FIEI que é essencial para a formação de professores indígenas.

Gostaria de agradecer as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na escrita de meu percurso acadêmico (TCC), em especial minha orientadora Profa. Clarisse Maria Castro de Alvarenga, o coorientador Edgar Nunes Corrêa (Edgar Kanaykô Xakriabá) e Aldemir Marcos De Almeida Mota (Naldinho Marcos) que foram fundamentais e contribuíram muito com seus conhecimentos durante a escrita deste trabalho. Também um muito obrigado aos entrevistados que foram essenciais para construção deste trabalho com suas falas, nos contando sobre suas experiências de vida. Foram eles o Cacique Domingos Nunes de Oliveira, o Pajé José de Araújo Sousa (Déda), o professor Nemerson Gonçalves de Araújo e o jovem estudante Kelvis Duank Ribeiro De Oliveira.

Não poderia deixar de lembrar e agradecer a UFMG e a toda equipe da FAE e do FIEI, aos professores, bolsistas, coordenadores, secretários, etc. Pois, sempre se esforçam e

querem o melhor para os alunos, nos ajudando tanto quando estávamos na aldeia e principalmente quando estávamos em Belo Horizonte.

Obrigado também aos parentes e colegas das outras etnias que conhecemos durante essa passagem pela UFMG, muito obrigado pela amizade e pela troca de experiências, pois, isso também é fundamental para reforçar ainda mais a cultura dos povos indígenas.

RESUMO

Este trabalho pretende discutir a chegada e apropriação da cultura digital na Terra Indígena Xakriabá. Para tanto, é feita uma retomada das formas de comunicação usadas pelos antigos e também da chegada de tecnologias como a televisão e o rádio (MOTA, 2015; NUNES, 2019). A partir daí, abordamos alguns dos sentidos do uso dos smartphones nos dias de hoje. A proposta é compreender as novas tecnologias não como fatores que nos retiram a cultura e o conhecimento tradicional, mas como novos meios que convivem com a cultura Xakriabá sendo alterados por ela, podendo se tornar ferramentas de luta por direitos. Ao final, trazemos uma discussão sobre o uso que os mais jovens fazem da cultura digital, apresentando algumas reflexões sobre o papel da escola e dos professores nesse processo.

Palavras-chave: cultura digital; mídias; conhecimento tradicional; pajés; lideranças, jovens

Lista de ilustrações

Figura 1 - Sr. Edivaldo Liderança da Aldeia Olhos D'agua	19
Figura 2 - 2º Encontro e 1º acampamento da juventude Xakriabá	21
Figura 3 - Ritual Xakriabá	27
Figura 4 – Pajé Deda	31
Figura 5 – 2º Encontro e 1º acampamento da juventude Xakriabá	34
Figura 6 – 2º Encontro e 1º acampamento da juventude Xakriabá	45
Figura 7 – Célia Xakriabá, 2º Encontro e 1º acampamento da juventude Xakriabá	50

SUMÁRIO

1.	MINHA HISTÓRIA	8
1.1	História do meu pai e de sua família	8
1.2	Começo da minha trajetória de vida e escolar	13
1.3	Final do Ensino Médio e início na faculdade	17
1.4	Retorno para morar na Aldeia	17
1.5	A Escola na minha comunidade	17
1.6	Retorno a UFMG – início do curso Matemática - FIEI	18
1.7	O uso do celular como uma ferramenta de comunicação	19
2.	INTRODUÇÃO	21
3.	AS PRIMEIRAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E A CHEGADA DAS MÍDIAS DIGITAIS	23
3.1	Leituras Bibliográficas	23
3.2	Seminário culturas digitais e mídias indígenas	25
3.3	Primeiras formas do povo Xakriabá se comunicar	26
4.	A APROPRIAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	31
4.1	Adaptação com as tecnologias	34
4.2	O smartphone em tempos de pandemia	36
5.	A CULTURA DIGITAL NA ESCOLA	39
5.1	O uso do smartphone	41
5.2	O uso do smartphone pelos jovens	45
6.	CONCLUSÃO:	49
7.	REFERÊNCIAS	51

1. MINHA HISTÓRIA

Neste trabalho irei descrever meu memorial, tentarei contar um pouco da história de meu pai (Otelice Nunes de Oliveira), porque além dele sempre nos contar sobre a história de nossos antepassados, existem vários registros em livros, jornais, cartas, etc, que também ajudam a conhecer essas histórias. Já da minha mãe (Lucineia Gonçalves De Oliveira) não conheço tanto a história da família dela para poder contar, conheço apenas minha avó, meu avô, duas tias e três primos. Falarei da minha trajetória escolar, desde o início no Pré (Educação Infantil) até os dias de hoje em que estou cursando o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI – Habilitação em Matemática pela UFMG. Sei que não será possível falar sobre tudo, mas colocarei alguns fatores principais que fizeram e fazem da minha trajetória de vida.

1.1 História do meu pai e de sua família

Há alguns anos atrás, em 1987 meu avô Rosalino Gomes De Oliveira, pai de meu pai, era Vice Cacique da Reserva Indígena Xakriabá, localizada no norte de Minas Gerais, no município de São João Das Missões. Naquela época ainda não existia lei para a demarcação de terras indígenas no Brasil, por isso, como ainda acontece nos dias de hoje, os fazendeiros invadiram as terras indígenas sem medo nem piedade dos verdadeiros donos das terras. Mas os índios não aceitavam e entravam em conflito com eles. Como meu avô era o vice cacique, os fazendeiros acharam que matando ele iria conseguir tomar as terras dos índios Xakriabá e conseguir chegar ao objetivo desejado.

No dia 12 de fevereiro de 1987, os fazendeiros se organizaram e contrataram 16 pistoleiros para irem na casa de meu avô e mata-lo. Na casa de meu avô vivia ele, sua mulher grávida, 5 filhos crianças e adolescentes e mais duas lideranças Indígenas. Os pistoleiros chegaram na casa dele cerca de 2 horas da manhã, quando todos estavam dormindo. Eles chegaram quebrando a porta e já começaram a atirar, todos acordaram assustados e meu avô tentou sair pela porta dos fundos para ver o que estava acontecendo e também tentar fugir, mas como os pistoleiros tinham cercado toda a casa, na hora em que ele saiu na porta foi visto pelos pistoleiros, baleado e ali mesmo faleceu. As outras duas lideranças que citei anteriormente, também foram assassinadas nesse mesmo dia.

O crime contra os Xacriabá aconteceu no dia 12 de fevereiro de 1987, na aldeia Sapé, reserva indígena, hoje município de São João das Missões, no norte de Minas.

Um grupo de grileiros, liderados por Francisco de Assis Amaro, invadiu a aldeia, se identificando como homens da polícia federal. Dividiram-se em dois grupos, arrombaram a casa do vice-cacique Rosalino Gomes de Oliveira, por volta das 2 horas da madrugada, iniciaram o tiroteio. As balas atingiram Rosalino mortalmente. Sua esposa Anísia Nunes, grávida de dois meses e ferida com um tiro no braço, abraçou a filha Rosalina, de dois anos de idade, e saiu para fora do barraco. Picou sentada no terreiro, por ordem dos pistoleiros. Queriam ver agora se Rosalino, líder dos Xacriabá, estava mesmo morto. Os pistoleiros já saíam, mas ninguém tinha coragem de voltar para casa.

Com dois revólveres apontados para a cabeça, José Nunes de Oliveira, de 10 anos, filho de Rosalino, foi obrigado a arrastar o corpo ensangüentado do pai, do quarto onde foi fuzilado à queima roupa até a porta do barraco franzino, o pequeno José não agüentava o peso de Rosalino e chorava. Os pistoleiros ameaçavam de novo: *Vamos arrebeitar seus miolos se não arrastar seu pai para fora da casa.*

Anísia, a mulher de Rosalino, suplicava ao filho para que chegasse ao final. Com as duas mãos, José segurou firme o braço de Rosalino e puxou o pai. Alguns minutos depois, Rosalino estava ao lado de Santana, morto também. Os pistoleiros gritaram de alegria e deixaram a aldeia. Antes, ameaçaram voltar (PROFESSORES XAKRIABÁ, 1997, p. 35).

Colocarei parte de uma poesia feita pelo meu tio Domingos (cacique atual) filho de Rosalino, que estava presente no dia e sobreviveu a essa chacina de líderes indígenas Xakriabá. São versos que contam um pouco da história sobre o que aconteceu naquele dia, e que estão no livro *“O Tempo Passa e a História Fica”* produzido através de pesquisas feitas nas aldeias e histórias contadas por anciões e professores indígenas, com o acompanhamento de professores da UFMG:

“Sou filho de Rosalino

E testifico a você

Que o meu pai nos dizia

Que um dia iria morrer

Mas ia deixar livre a terra

Para o seu povo viver.

No ano 87 Dia 12 de fevereiro

Ali chegou Seu Amaro

Junto com seus pistoleiros

Quebrando todas as portas

E fazendo um tiroteio.

É muito triste esta história

Mas não consigo esquecer

Sabe o que é você deitar

Depois não amanhecer

Com o seu querido papai

Que tanto amou a você.

Já era umas 2 horas

Ao romper da madrugada

Chegaram aquele povo

Sem ter pena de nada

Fez um grande tiroteio

Até minha mãe foi baleada.

A mãe que eu falo é

Anísia Esposa de Rosalino

Que quando saiu foi detida

Pelos malditos assassinos

Que enquanto ela chorava

Eles estavam sorrindo.

O meu pai desesperado

Na porta ele apontou

Foi quando foi baleado

Eu não sei quem o matou

Só sei que naquele momento

O meu coração cortou.

Com a morte do meu pai

Eu fiquei desesperado

Mas não podia correr

Porque eu estava cercado

Por aqueles pistoleiros

Que estavam todos armados.

Mas nosso Deus é tão justo

E sempre nos amou

No meio do tiroteio

Acertaram o Agenor

Era um dos pistoleiros

Que morto ali mesmo ficou.

Naquele mesmo momento

O pistoleiro parou

Pra ver o que aconteceu

Com seu amigo Agenor

Foi quando saí correndo

E fui avisar meu avô.

Quando eles perceberam

Que alguém tinha fugido

Me deram vários tiros

Que balas zuaram no ouvido

Porém não me acertaram

Pois Deus estava comigo.

Esta história aqui ficou

Mais ou menos na metade

Mas tudo que está escrito

É tudo realidade mataram meu pai

Sem haver necessidade.

A história é muito grande

Dá pra você perceber

Porém o tempo não deu

Pra mim pensar e escrever

Mas no próximo livro

Contarei tudo a você.”

Algum tempo depois disso, meu pai era o filho mais velho e queria ajudar sua mãe a cuidar dos outros cinco irmãos. Ele saiu para trabalhar na cidade grande. Primeiro foi para São Paulo e depois para Belo Horizonte. Como ele era acostumado a viver na zona rural e conhecia apenas cidades pequenas perto de onde ele morava, achou tudo muito estranho no começo, pois não era acostumado com aquelas coisas da cidade grande. Ele teve que se acostumar com aquela realidade que ele encontrou e passou a viver. Por isso ele sempre andava com muita atenção e cuidado para tentar não fazer coisas de forma “errada”, tentava se adaptar ao estilo das pessoas de onde ele estava vivendo. Ele tentava fazer as coisas parecidas com o que as pessoas que estava convivendo faziam, para que essas pessoas não percebessem que ele era de lugar diferente.

Com pouco tempo que ele estava em Belo Horizonte, conheceu minha mãe que também tinha vindo do interior de Minas Gerais para trabalhar em Belo Horizonte. Como era costume das pessoas do interior, eles namoraram por pouco tempo e logo se casarão. Tiveram dois filhos, meu irmão que nasceu no ano de 1993 e eu em 1994, como eles queriam ter uma filha em 2007 adotaram uma menina recém nascida.

1.2 Começo da minha trajetória de vida e escolar

Nasci em Contagem-MG, e com pouco tempo meus pais mudaram para Ribeirão Das Neves-MG, onde moramos por dez anos.

Quando completei cinco anos de idade, comecei a estudar o terceiro período da pré-escola, que hoje é chamado de Educação Infantil, em que as crianças estudam antes do primeiro ano do ensino fundamental, o PPA. O terceiro período do pré estudei no Instituto Educacional Infância Feliz (que deve existir até hoje) no bairro Maria Helena em Ribeirão das Neves-MG. Era muito bom, os professores faziam brincadeiras com as crianças, tinha piscina, jogava bola, aprendia as letras, os números e outras coisas, para que quando chegasse na primeira série o aluno já conhecesse um pouco sobre números e letras, já sabia fazer até o nome.

Com seis anos comecei o Ensino Fundamental, na Escola Estadual Francisco Cardoso Assumpção, que era mais próxima de casa no bairro Flamengo em Ribeirão das Neves, onde estudei a primeira, segunda e terceira série completa.

No final de 2004 eu e minha família fomos passar as férias no norte de Minas Gerais na Reserva Indígena Xakriabá, Município de São João das Missões-MG, fomos visitar a família do meu pai, onde eu tinha ido apenas uma vez quando era pequeno. Quando estava junto com a família (mãe e irmãos de meu pai), meu pai decidiu voltar definitivamente para morar na Reserva Indígena Xakriabá. Então ele me pediu para ficar com minha avó, para que ele, minha mãe e meu irmão fossem para Belo Horizonte para resolver algumas coisas e logo voltar para morar no território Xakriabá.

Ele decidiu voltar a morar no interior porque no meio do ano de 2004 ele tinha sido assaltado no centro de Belo Horizonte quando estava voltando do serviço, com isso ele ficou traumatizado, ficou com medo de ir trabalhar, de sair na rua, quando passava alguém olhando para ele, ele já pensava que era bandido. Meu pai morou 14 anos em Belo Horizonte, durante esse tempo foi assaltado apenas uma vez, e dessa vez fez com que ele ficasse traumatizado e isso fez com que ele decidisse voltar logo para o interior, onde é mais tranquilo para morar.

Meus pais e meu irmão retornaram para Ribeirão das Neves e eu fiquei na reserva indígena com minha avó. Eu comecei a me sentir um pouco diferente naquele lugar, pois não era acostumado morar na zona rural e principalmente no território indígena, também não conhecia muitas pessoas por isso a dificuldade em me acostumar. Então retomando o que falei acima que meu pai sentiu quando foi para a cidade, eu sentir o mesmo quando fui para o interior, ou seja, passei a me sentir diferente, diferente de todos os outros, que tinha a mesma cultura, mas ela ainda estava guardada, oculta dentro de mim e logo consegui me acostumar.

Comecei a estudar na Escola Estadual Indígena Bukimuju, onde tudo era diferente. A estrutura da escola, a forma dos professores darem aula, existem matérias diferentes das escolas não indígenas, a forma de se vestir para ir para a escola era diferente. Como eu tinha apenas dez anos e não era acostumado viver longe dos meus pais, toda essa diferença que eu descrevi me influenciou em ter o desejo de voltar para perto dos meus pais, ou seja, voltar para Ribeirão das Neves onde meus pais estavam. Pois foi uma mudança tão radical e sem eu estar preparado, que eu não consegui me acostumar tão rápido.

Enfim, fiquei apenas por três meses na Reserva Indígena e voltei para Ribeirão das Neves, onde meus pais estavam. Voltei a estudar na escola onde já era acostumado com a forma de ensino que eu achava normal, onde eu também já tinha colegas e tudo mais.

Mas foi por pouco tempo, apenas 3 meses, pois, no meio do ano de 2005 meu pai conseguiu resolver as coisas dele em BH, e no mês de julho voltamos a morar na Reserva Indígena. No começo foi difícil se acostumar, pois, nosso modo de vida era totalmente diferente do modo de vida que teríamos a partir daquele momento, e não era possível e racional, nós que tínhamos acabado de chegar naquele lugar tentar mudar a forma de viver das pessoas. Então começamos a conhecer as pessoas, nos acostumamos com a forma de viver, fora da Escola Indígena, enfim acostumamos com tudo que achávamos estranho. Até porque era uma realidade nossa pelo fato de sermos indígenas, só que ainda não tínhamos tido a oportunidade de viver aquilo, mas com pouco tempo nos acostumamos.

Quando passamos a morar na reserva indígena, começamos a ter contato direto com a cultura Xakriabá, nos: cantos, danças, artesanatos, rituais, e várias outras coisas que faz parte da cultura indígena e acontece somente dentro da área indígena. Também tive contato com língua, não contato com pessoas que falavam fluentemente a língua, pois, no Xakriabá na época da colonização, os colonizadores obrigaram os Xakriabá a deixarem de falar a língua nativa, somente algumas pessoas mais velhas ainda conseguem falar um pouco, que aprenderam com seus avôs. Mas tivemos o contato com professores de cultura que aprenderam com os mais velhos e ensinam na escola, e que estão participando do processo de recuperação da língua Xakriabá através de estudos, na migração de pessoas da aldeia para outras etnias em que formavam o grupo que os Xakriabá faziam parte antigamente, e eles conseguiram preservar sua língua até os dias atuais. Os que vão para outras etnias recuperar a língua tem o compromisso de voltar para aldeia para ensinar os demais nas escolas, noites culturais, etc. Mas nas músicas, orações e rituais a língua conseguiu ser preservada, para ser usada na prática dos momentos sagrados.

Estudei o ensino fundamental do 5º até o 9º ano e o ensino médio na Escola Estadual Indígena Bukimuju, onde aprendi o que eu aprenderia em uma escola não indígena e também aprendi muitas coisas que estudei nas matérias de Direitos Indígenas, Práticas Culturais e algumas outras matérias que só existe em escolas indígenas e são muito importantes para nos ajudar a conhecer e defender nossos direitos, mas que várias pessoas principalmente as não indígenas acham que não servem para nada.

Todos os anos no mês de dezembro quando as aulas finalizaram a direção da escola sempre organizava um dia de entrega de resultado, uma reunião que participava o cacique, lideranças, comunidade e todas as turmas da escola de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Os professores de cada turma falaram sobre as notas dos alunos e se eles tinham passado ou não. Quando todos acabavam de falar sobre suas turmas, eles davam lembranças para seus alunos, tinha o almoço, alguns iam para a quadra jogar bola, outros brincar de pega bandeira, etc. Era um dia de festa e confraternização entre todos. O cacique e as lideranças sempre contavam sobre o processo de luta pela demarcação das terras e conquistas dos nossos direitos, e falavam sobre vários outros assuntos importantes para os jovens das aldeias.

No momento não me lembro dos nomes de todos os professores que tive quando comecei a estudar nos primeiros anos, me lembro apenas do nome da professora da primeira série, que era Glaucia (a Tia Gláucia). Os nomes dos professores da segunda e terceira serie não me lembro. A partir da quarta série quando já estava na aldeia, como era apenas dois professores da quinta a oitava série, meus professores até o final do Ensino Fundamental foram os professores Jair e Wilson que inclusive são formados na UFMG, pelo FIEI, são excelentes professores que ajudaram muitos na minha formação. Todos os professores que eu tive na escola Indígena foram muito bons. Eles ensinavam o ensino das matérias ocidentais da escola não indígena, mas utilizando ferramentas e objetos indígenas que os alunos conheciam e facilitavam o aprendizado.

Na matemática aprendi muita coisa, os números, contas de soma, subtração, multiplicação e divisão. Aprendi frações, equações, probabilidade, porcentagem, um pouco de geometria, etc. Muito disso utilizando objetos e espaços da nossa aldeia para mostrar na prática, e facilitar o aprendizado. Em português, aprendemos a interpretar textos, pontuação, sinônimos, etc. Os professores usavam livros e textos feitos por pessoas da aldeia com histórias sobre o povo Xakriabá e às vezes histórias de outros povos, utilizavam histórias contadas pelos mais velhos, alguns mitos ou histórias reais que já aconteceram antigamente.

Para mim as melhores matérias, que eram mais divertidas eram Práticas Culturais e Educação Física. Nós fazíamos brincadeiras tradicionais, jogávamos futebol e brincava de pega bandeira na quadra, todos os alunos brincaram e interagiram.

Nunca reprovei nenhum ano no Ensino Fundamental e Médio, sempre me dediquei ao máximo, principalmente em períodos de provas e de avaliações, sempre tentando fazer o melhor para aprender e conseguir boas notas.

1.3 Final do Ensino Médio e início na faculdade

Quando estava quase finalizando o ensino médio em 2012, fiz uma prova pra tentar estudar na UFMG, tinham 6 cursos, fiz a inscrição para o curso de Ciências Sociais. Fui para BH fazer a prova no final de 2012 quando estava terminando o Ensino Médio e fui aprovado. Quando cheguei em BH não achei muito estranho, mas foi um pouco diferente e difícil me acostumar novamente a morar na cidade grande, pois, já tinha me acostumado com o ambiente e a forma de viver dentro do território Xakriabá, ou seja, para mim cidade grande já estava se tornando um ambiente estranho onde é muito complicado a forma de viver.

Estudei até o 5º semestre do curso de Ciências Sociais na FAFICH, conheci várias pessoas e fiz muitas amizades. Quando estava na metade do curso, vi que não era realmente aquilo que eu queria e que apesar de estar na metade do curso, aquilo não era o melhor para me dedicar e me formar.

Também teve outros fatores pessoais que me influenciaram na hora de decidir em ficar ou não em Belo Horizonte para continuar o curso.

1.4 Retorno para morar na Aldeia

Quando retornei para a aldeia me casei com minha esposa (Jéssica Maisa Alkimim Pereira) e logo comecei trabalhar na escola onde estudei. Depois de um tempo teve a inscrição para o curso do FIEI – MATEMÁTICA, aí eu vi a oportunidade de voltar a estudar na UFMG, estudando uma coisa que eu me identificava. Dessa vez era melhor porque eu ficaria um tempo em BH estudando e a outra parte na aldeia, mesmo que fazendo trabalhos, mas estaria próximo da família.

1.5 A Escola na minha comunidade

As aulas na aldeia funcionam a muito tempo, não sei a data exata. Mas a escola que existe atualmente foi construída em 2002, foi uma obra reivindicada pelos caciques, lideranças

e comunidade. É planejada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, com a participação direta dos índios Xakriabá na concepção e elaboração do projeto arquitetônico.

O número de alunos da escola de nossa aldeia hoje, contando do Educação Infantil ao Ensino Médio são aproximadamente 650 alunos, já o de professores contando todos (Ensino Fundamental, Médio, Educação Integral, etc.) são aproximadamente 150. Na nossa escola os professores, diretores, vice-diretores, serviçais, pedagogos, coordenadores, todos os servidores são indígenas.

A escola é um dos principais meios de fonte de renda da aldeia. Na escola os professores sempre utilizam as coisas da aldeia para ensinar, mesmo que são coisas dos não indígenas eles adaptam pra ficar mais fácil para que os alunos entendam a matéria.

1.6 Retorno a UFMG – início do curso Matemática - FIEI

No mês de outubro de 2017 fiz a inscrição para concorrer a uma vaga e voltar a estudar na UFMG no curso do FIEI habilitação em Matemática para educadores indígenas. No mês de março de 2018 fizemos a prova na aldeia Brejo Mata Fome na Reserva Indígena Xakriabá, e graças a Deus na minha primeira tentativa consegui uma nota razoável e consegui passar.

No final de agosto voltei a estudar na UFMG, dessa vez na FAE, foi muito bom. Conheci os professores e colegas de outras aldeias indígenas. Concluindo, esse curso vai ser uma vitória não só para mim, mas para toda minha família, amigos, lideranças, cacique e todos que sempre me apoiaram.

Aqui tentei fazer um pouco do meu memorial, tentei lembrar algumas coisas mais importantes e quando comecei a fazer esse exercício foram as primeiras coisas que vieram em minha lembrança.

1.7 O uso do celular como uma ferramenta de comunicação

Figura 1 - Sr. Edivaldo Liderança da Aldeia Olhos D'agua



Arquivo pessoal do autor

O primeiro celular que conheci e tive contato foi um celular da marca Nokia, aqueles primeiros celulares que foram lançados, o famoso “tijolão”, no ano de 2004 meu pai conseguiu comprar um quando ainda morava na cidade. Quando viemos morar no território Xakriabá, meu pai comprou uma antena para conectar o celular na antena, pois como o território indígena é na zona rural até hoje não tem sinal de operadora de telefonia. Quando tivemos o contato com o primeiro celular, era uma novidade e todos ficavam surpresos e alegres com as funções que o celular tinha, as vezes ficava até com medo de usar o celular e danificar o aparelho.

Quando tinha 17 anos de idade em 2012, a cultura do uso com celular (smartphone), celular digital, estava começando a chegar na aldeia, como era uma novidade a maioria das pessoas queriam comprar um, mas também tinham aquelas pessoas que tinham receio em querer ter um smartphone, pois achavam que poderia ser alguma coisa ruim. Conseguir comprar o meu primeiro celular no meio do ano de 2012, como não tinha renda fixa comprei em uma loja na minha cidade e dividi em várias parcelas, assim todo mês dava um jeitinho para conseguir o valor para pagar a parcela.

Quando comprei foi muito bom, ter aquele aparelho que era uma novidade não só para mim, mas também para a maioria dos colegas na aldeia. A partir dessa época, a maioria das pessoas foram dando um jeito de comprar seu smartphone, pois quando passaram a conhecer melhor, viram que tinham algumas funções que poderiam nos ajudar de alguma forma.

Nessa época nós não conhecíamos o whatsapp ainda, o aplicativo de comunicação que tínhamos conhecimento e que fez sucesso na época era o facebook, a maioria das pessoas queriam fazer um facebook quando se conheciam, pois era uma novidade conseguir trocar mensagens com pessoas que estavam em outras cidades muito rapidamente. Quando fui estudar em Belo Horizonte eu me comunicava com as pessoas da aldeia através do facebook ou por ligação direta feita pelo celular.

O whatsapp comecei a usar no final de 2013, pois não conhecia antes. Alguns colegas que estudavam junto comigo sempre me perguntavam se eu já tinha o whatsapp e que era um aplicativo muito bom para trocar mensagens com as pessoas. Mas na época eu não tinha muita curiosidade, pois como já conhecia o facebook, achava que ele era o melhor aplicativo para trocar mensagens com pessoas que estavam distantes. Como os colegas sempre insistiam em baixar o whatsapp para conhecer e entrar no grupo que eles tinham, resolvi testar e baixar. Na época pedi aos colegas orientações para me ensinar a utilizar aquele aplicativo e logo aprendi, com isso estou utilizando esse aplicativo até hoje, pois, é uma ferramenta que facilita muito a comunicação com as pessoas dentro e fora da aldeia.

2. INTRODUÇÃO

Figura 2 - 2º Encontro e 1º acampamento da juventude Xakriabá



Arquivo pessoal do autor

Nos últimos anos a cultura digital passou a fazer parte da vida das pessoas de todas as idades no território Xakriabá, que utilizam para várias funções como, uso individual, fazerem atividades de trabalho, reuniões, aulas online, registrar através de fotos, vídeos, áudios, troca rápida de informações e várias outras atividades fundamentais no dia a dia. Com isso, pode-se perceber que muitas pessoas, principalmente os jovens, atualmente não conseguem viver sem a utilização dessas ferramentas tecnológicas, pois, essa tecnologia muitas vezes facilita em alguns sentidos a vida das pessoas que a utilizam para determinados fins. Como disse Ailton Krenak no seminário *Culturas Digitais e Mídias Indígenas*, “É uma especialização dos humanos em fazer um trabalho cada vez menos pesado.” (KRENAK, 2021).

No território Xakriabá as pessoas não utilizam esse aparelho apenas para o uso individual, mas também para resolver e atender questões de interesse coletivo para as pessoas da comunidade e de todo o território. Principalmente nos últimos anos quando o *smartphone* passou a ser desenvolvido para realizar várias funções em um mesmo aparelho e tentar ajudar as pessoas resolverem muitas coisas de uma forma cada vez mais fácil e rápida. Sabemos que isso não deu totalmente certo como foi planejado, pois, para muitas pessoas que têm dificuldade em se adaptar com essas tecnologias, complicou ainda mais na hora de resolver alguns problemas que na teoria ficariam fáceis de serem resolvidos.

Para desenvolver minha pesquisa, realizei algumas entrevistas com o Cacique geral do povo Xakriabá, com o Pajé Déda, com um professor indígena Xakriabá e com um jovem

adolescente estudante do ensino fundamental dos anos finais. Essas entrevistas sempre teve a utilização do smartphone para conseguir registrar as falas, fazer gravação de áudios, tirar fotos, arquivar os conteúdos, etc.

Como o trabalho foi desenvolvido no período da pandemia de coronavírus, foi preciso encontrar novas formas de fazer pesquisa na qual as pessoas não eram acostumadas, teve três formas de fazer entrevistas que utilizei durante a escrita do meu percurso. Com alguns que moravam próximo e eu tinha contato frequente, consegui fazer a entrevista pessoalmente. Já com pessoas que moravam distantes, foi preciso utilizar o smartphone e através do aplicativo do whatsapp enviei as perguntas e as pessoas me responderam da maneira que se sentiam melhor, por áudios ou por escrito. As entrevistas foram feitas de uma forma de conversa informal, para que as pessoas não se sentissem pressionadas na hora das respostas.

Neste trabalho falarei sobre algumas formas de como o povo Xakriabá se comunicava antigamente, mostrarei não todas as formas, mas alguns meios que eram utilizados para se comunicar, passar algum recado rápido, marcar reuniões, etc. Através de relatos do Cacique Domingos e do Pajé Déda contar como foi a chegada de algumas tecnologias de comunicação, como: orelhão, rádio, televisão, *smartphone*, entre outros. Mostrar um pouco como foi a utilização do smartphone durante a pandemia. Através de entrevista com um professor da aldeia e um jovem estudante, mostrar como foi a utilização dessa tecnologia por eles durante a pandemia, em que as aulas dentro do território aconteceram de forma remota, em que não estava sendo na escola dentro da sala de aula. Com isso, mostrar a opinião dos entrevistados sobre como essas tecnologias podem ser utilizadas de uma forma benéfica e que possa ajudar as pessoas que vivem no território Xakriabá. Assim mostrar para os leitores como a utilização dessa ferramenta tecnológica pode ajudar as pessoas. Como o Cacique Domingos Xakriabá disse durante a entrevista, se for usada para o bem, essa tecnologia ajuda bastante a resolver as coisas não só dentro do território, mas para várias outras atividades essenciais do dia a dia.

3. AS PRIMEIRAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E A CHEGADA DAS MÍDIAS DIGITAIS

Tecnologias da informação e comunicação (TICs) é uma expressão que se refere ao papel da comunicação (seja por fios, cabos, ou sem fio) na moderna tecnologia da informação. Entende-se que TICs são todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, o que inclui o hardware de computadores, rede e tele móveis. Em outras palavras, TICs consistem em TI, bem como quaisquer formas de transmissão de informações e correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres.

Com a *modernidade* nós indígenas tivemos que aprender a manusear e utilizar essas tecnologias. Hoje em dia, os indígenas estão tendo que se apropriar dessas *ferramentas tecnológicas* para utilizá-las, pois, nesse tempo moderno em que vivemos atualmente, praticamente tudo que se faz depende da utilização de algum tipo de tecnologia para fazer ou para tornar a atividade mais fácil e rápida de ser resolvida. Por exemplo, se precisar se comunicar com alguma pessoa de uma aldeia ou cidade distante, um celular (smartphone) que tiver algum aplicativo de mensagem instalado ajudará nessa comunicação, tornando assim uma forma mais rápida de circular informações entre as pessoas. Ao fazer parte de nossas vidas, as tecnologias se tornam uma forma de cultura - a cultura digital -, o que envolve não apenas os dispositivos técnicos, mas também as maneiras que criamos para utilizá-los.

Mas o indígena utiliza essas tecnologias não apenas para satisfazer suas vontades e interesses individuais, mas também para ajudar o coletivo, ou seja, a um grupo, na preservação da cultura, no registro de atividades, usando as mídias digitais e as redes sociais para mostrar e defender sua cultura, defender os direitos indígenas, combater preconceitos, etc.

3.1 Leituras Bibliográficas

Para desenvolver minha pesquisa e escrever meu percurso acadêmico, teve algumas bases que me ajudaram muito durante o meu trajeto até a conclusão, por exemplo, a leitura da dissertação de mestrado de Edgar Nunes Côrrea (Edgar Kanaykō Xakriabá), na qual o tema é *ETNOVISÃO O OLHAR INDÍGENA QUE ATRAVESSA A LENTE*, e também a leitura do percurso acadêmico de Aldemir Marcos de Almeida Mota (Naldim Marcos)

com o tema: *AS FORMAS DO POVO XAKRIABÁ SE COMUNICAR*. Esses trabalhos foram muito importantes para a definição do tema e também serviram como base que me ajudaram no desenvolvimento da pesquisa, pois, quando terminei as leituras vi que o tema que pretendia pesquisar é um tema muito importante que mereceria uma pesquisa mais aprofundado para tentar entender e mostrar como foi a chegada e como está sendo a utilização das tecnologias de comunicação atualmente pelo pelo povo Xakriabá.

A dissertação de Edgar Kanaykõ como ele escreve em seu trabalho, ele fala que:

Tem como proposta apontar questões no que diz respeito aos diferentes modos e percepções de mundo, a partir da perspectiva do olhar indígena através da objetiva de uma câmera. A princípio visto como uma ameaça, o uso do audiovisual agora é uma arma de luta e resistência, um importante aliado dos povos indígenas. Propõe-se, assim, uma aproximação entre o mundo de fora e o de dentro, indígena e não indígena. Evidenciando principalmente os pontos de vista de cineastas, fotógrafos e pajé indígena com seus modos próprios de perceber e interpretar o mundo a partir do olhar indígena que atravessa a lente. (CORREA, 2018, p. 7)

Ele conta que desde os anos 2000 com a chegada da energia elétrica e posteriormente a chegada das tecnologias audiovisuais através de câmeras e celulares, as lideranças se preocupavam para que isso não influenciasse negativamente na vida das pessoas, mas que pudessem ser usados como uma *“ferramenta de luta”*, para que a voz, a imagem do povo indígena pudesse alcançar onde ainda não havia chegado.

No percurso de Aldemir Marcos com suas palavras ele relata seu objetivo na pesquisa feita, em que ele tenta mostrar: “Por meio de pesquisa, como eram os meios do povo Xakriabá se comunicar do passado até as tecnologias de hoje. Esses meios compreendem a escrita, a leitura, o rádio, a televisão, o celular, a internet e os meios de transporte.”

Os fatores que despertaram a curiosidade surgiram por ele perceber essas mudanças na comunicação com a chegada das tecnologias, por existir um projeto de implantação de uma rádio comunitária no território Xakriabá e por ele ter interesse e muita empolgação nessa área de comunicação. O objetivo foi o de reconstruir essa história. Durante a escrita do percurso ele fala sobre vários meios de comunicação, além do telefone e outras mídias utilizadas atualmente, fala também de vários meios tradicionais de comunicação utilizados antigamente, como por exemplo: galho ou ramo, borá, fogos, zabumba, etc.

Por falarem das tecnologias audiovisuais, comunicação e meios de comunicações tradicionais existentes dentro do território Xakriabá a dissertação de Edgar Kanaykõ e o percurso de Aldemir Marcos Xakriabá, me ajudou muito durante o desenvolvimento do

meu trabalho, pois, desenvolvi minha pesquisa na linha de pensamento pesquisada e desenvolvida nos trabalhos que foram lidos, com isso esses trabalhos foram de extrema importância para o desenvolvimento do meu percurso.

3.2 Seminário culturas digitais e mídias indígenas

Esse seminário foi muito importante e me ajudou bastante, pois, desde o início da minha trajetória no FIEI meu objetivo para o trabalho final (percurso) é falar sobre as novas tecnologias no território Xakriabá. Quando dei início nas leituras dos trabalhos passados pela orientadora, e começo da escrita mudei um pouco o tema do meu trabalho para “*A CHEGADA E APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) PELO POVO XAKRIABÁ DA ALDEIA BREJO MATA FOME*”, não saindo totalmente do meu objetivo que é falar sobre as novas tecnologias no território, mas sim focando em uma área que é a das *tecnologias da informação e comunicação dentro do território*. Ao final, motivados por uma reflexão sobre as discussões do seminário adotamos o termo cultura digital ao invés de tecnologias da informação e comunicação, modificando o tema inicial.

O seminário *CULTURAS DIGITAIS E MÍDIAS INDÍGENAS*, que teve a participação de vários indígenas contando a história e mostrando como a cultura digital está presente dentro dos territórios indígenas, também falando como nós indígenas utilizamos essas culturas e mídias digitais de uma forma que esteja nos favorecendo. Os participantes contam e mostram a forma que essas tecnologias, culturas e mídias digitais são utilizadas para se comunicar, arquivar, divulgar, etc. Mostrando que os indígenas utilizam esses meios digitais como uma *ferramenta de luta*, como diz Edgar Kanaykõ em sua dissertação de mestrado.

O seminário tem a participação de várias pessoas que são muito importantes dentro da sua comunidade, povo, nacionalmente e/ou mundialmente que nos deram palestras e verdadeiras aulas, contando muitas histórias do passado e do presente. De início queria colocar uma fala de Ailton Krenak, que ele fala em sua participação na abertura do seminário. Para ele: “*Essa cultura digital está associada a essa especialização dos humanos em fazer um trabalho cada vez menos pesado.*” (KRENAK, 2021), ou seja, nos tempos atuais, com as pessoas sempre aprendendo, descobrindo novas formas de fazer as coisas cada dia mais fácil, de formas cada vez mais leves e rápidas, as pessoas aderem a essa cultura digital muito fácil. Ele ainda cita um exemplo de uma atividade indígena, em que essa atividade não tem como de alguma forma ser praticada por meios digitais. Ele

dá exemplo sobre a corrida de tora: *“a corrida de tora de alguns povos indígenas, ou seja, não dá pra fazer uma corrida de tora digital, a pessoa tem que pegar uma tora de buriti mesmo, grandona e correr com ela.”*(KRENAK,2021). Assim dá para ver que para nós indígenas existem várias coisas, principalmente as que fazem parte da cultura indígena, que mesmo que quem produz essas tecnologias e meios digitais tentassem não conseguiriam mudar nossa forma de praticar essas atividades.

Ele também fala um pouco sobre a cultura digital. Ele diz: *“estão associados a tudo que é moderno hoje, estão associadas inclusive a um fenômeno que é crescente, que vai ser de acabar com o mercado de trabalho, como nós imaginamos que era o mundo de trabalho antes.”*(KRENAK,2021).

Podemos perceber que ele nos mostra que essas tecnologias, não só as tecnologias da informação, mas podemos ter a mesma visão para todos os tipos de tecnologias, que não traz apenas coisas boas para as pessoas, apesar de no primeiro momento temos essa impressão. No exemplo ele fala sobre o mercado de trabalho, pois, como essas tecnologias diminui a mão de obra de muitos serviços ou precisam de mão de obra especializadas, o mercado de trabalho muda sua oferta de trabalho, causando assim prejuízo para muitas pessoas, principalmente para aquelas que não tem algum tipo de especialização na área, que é o caso da maioria dos indígenas.

No final de sua fala, ele mostra que as tecnologias são importantes e admiráveis, mas que não substituem a relação face a face entre as pessoas. Ele explica:

As tecnologias são admiráveis, mas não substituem os afetos. Para os povos originários, principalmente para nós (indígenas), se relacionar de uma maneira crítica, com esses aparatos tecnológicos é uma maneira de preservar a própria identidade, de você não se confundir com um robô e nem tratar o outro ser humano como uma máquina. (KRENAK, 2021).

Então como ele fala, nós indígenas temos plena certeza de que, essas novas tecnologias digitais ajudam, mas nunca trocar a necessidade e importância da relação direta, face a face das pessoas que é uma necessidade para um melhor convívio social.

3.3 Primeiras formas do povo Xakriabá se comunicar

Antigamente o povo Xakriabá tinha sua forma tradicional e própria de se comunicar, não conhecia algum tipo de tecnologia que na teoria facilitasse ou ajudasse as pessoas a se comunicarem. Eram utilizadas formas tradicionais que as pessoas já tinham costume e conhecimento, até porque as pessoas não conheciam nenhum outro meio de se comunicar,

então essas formas utilizadas eram normais e fáceis para as pessoas, ou seja, aquele modelo tradicional de comunicação atendia muito bem as necessidades que as pessoas tinham, mesmo com todas as dificuldades que elas tinham para passar algum tipo de informação.

Figura 3 - Ritual Xakriabá



Foto – Edgar Kanaikō Xakriabá

Uma das formas que o povo Xakriabá se comunicava, era através dos rituais, não era todas as pessoas que poderiam participar, tinha as pessoas certas que poderiam estar presentes nestes rituais, pois, essas pessoas tinham que ter o conhecimento, o contato diretamente com a natureza e uma aprofundação espiritual, que não era um *dom* que todos recebiam. Os que participavam recebiam de alguma forma sinais e informações de dentro e de fora do território, por exemplo, quando um cacique precisava sair para uma reunião em Brasília ou qualquer outra cidade, ele participava do ritual para receber informações sobre como seria a reunião, o que ele precisaria saber para defender os direitos do seu povo. Então quando ele saía do território, ele já ia preparado sabendo o que iria ou poderia acontecer naquele local que ele iria estar, assim ele já estaria pronto e preparado para dar resposta e se defender de alguma coisa que poderia acontecer. Como não eram todos que tinham permissão para participar dos rituais, quem participava e recebia as informações poderia e deveria compartilhar com as pessoas da comunidade para que todos ficassem informados e preparados para qualquer coisa que pudesse vir a acontecer. Na entrevista com o Pajé Déda ele falou sobre essa forma de se comunicar entre os Xakriabá:

Os principais meios de comunicação para o povo Xakriabá de antigamente, era um dos principais que era os rituais, teve muito tempo, faziam os rituais, todo pessoal da região sempre era informado de alguma forma, não era todos que eram participantes do ritual, mas aqueles que eram participantes, que tinham o contato diretamente com a natureza. E daí tinham uma aprofundação espiritual e daí que sabia muitas outras informações tanto que tava circulando dentro do território, e algumas informações de fora também da aldeia que tava pra chegar ou como estava o estado de cada coisa por exemplo uma viagem pra um cacique, pra uma liderança, quando era pra ter os debates lá fora, era daqui mesmo do ponto local que já sabia, pela questão interna já sabia como que tava se passando lá fora e a forma também de chegar pra, até o ponto de buscar esse retorno pra nosso povo, naqueles momentos de preparação dentro do ritual.

As pessoas também se comunicavam para fazer as atividades do dia a dia, sobre a caça, por exemplo, quando as pessoas participavam dos rituais, o mestre *Tupã* naquele momento do ritual, já mostrava para as pessoas que estavam presentes quando um tipo de caça ia passar em algum lugar, qual era a caça que iria estar naquele local, se ia passar na estrada, perto de alguma planta, de uma cerca, no morro, no rio, etc. Então quando as pessoas saíam para caçar elas já sabiam que tipo de caça iria encontrar naquele dia e o local onde encontraria. Como quem recebia essas informações eram as pessoas que participavam dos rituais, então eles tinham que avisar as outras pessoas da comunidade, para passar esse recado relacionado as caças, quem participava do ritual pedia uma criança para repassar o recado para as outras pessoas da sua aldeia e das outras aldeias também. Para passar esse recado dependendo da distância as crianças iam a pé e quem podia ia de cavalo, até que essa informação circulasse chegasse a todos das comunidades. Sobre isso o Pajé Déda fala:

Pra fazer a caçada era dentro do ritual e nosso mestre, dava explicação, já informava quanto tempo que tal rebanho daquela caça, a qualidade da espécie daquela caça, até que tempo ela ia ficar na região, por exemplo, cada aldeia. Já tinha os pontos que era principal e que indicavam se era, era morro se era um pé de planta mais alto, a qualidade da planta, ou se era uma cerca de madeira e dali se era um rio, já marcava qual o tipo de caça que tinha naquela região, dentro do ritual, quando o pessoal sai do ritual aqueles que participavam já saía e já passava esse informe para as outras. E como eles conseguiam chegar até o aviso a desses outros? Quem era participante é deslocava uma criança dali até chegar naqueles outros das outras aldeias e essa criança conseguia circular com o recado. Uns iam montado outros iam a pé, mas era dessa forma que conseguia fazer essa, é dar esse recado né.

Quando as pessoas saíam para caçar, eles já tinham a forma tradicional de se comunicar dentro da mata. Essas comunicações eram de uma forma que não espantavam as caças daquele local, assim eles se comunicavam através de sinais e sons parecidos com sons dos bichos, esses sons eram para se comunicar com o companheiro que estava próximo ou para atrair os caças para perto. Eram usadas algumas ferramentas feitas de barro, de madeira, utilizavam ramos para indicar a direção que a pessoa tinha seguido, assim quando o outro companheiro passava no local e via aquele sinal ele sabia onde encontrar

seu companheiro. Essas formas de comunicação davam certo e as pessoas conseguiam se comunicar sem nenhuma dificuldade. O Pajé Déda contou como era feito essa comunicação dentro da mata nos momentos de caçar:

Quando as pessoas saia pra caçada já tinha seu jeito de comunicar também, que era uma forma também pra poder, tanto pra, por exemplo, pra não ficar conversando dentro das mata, já tinha os equipamentos que era feito de barro né, outros fazia de madeira, pra comunicar com, com os próprios companheiros através de assobios, e até mesmo a forma também de imitação dos bichos de caça, pra eles os bichos das caça aproximar e a hora que passava algum lugar cada um já deixava seu ponto de referência, e ali por ali deixava alguns sinais é no chão de alguma pintura oque que indicava, se ali tinha caça, pra onde aquela pessoa tinha ido primeiro, pra onde tinha passado , fazia alguns sinais no chão de rabisco, e outras deixava alguns qualidades de ramos naquele local onde que ia passar, de acordo a seta daquele ramo tava indicando, aquele que vinha atras, ele ia na mesma direção, se fosse pra ir na direção ele ia, se fosse pra ele circular para o outro lado, ai aquele ramo também já tinha a direção onde que o outro ia circular também, se caso aquele que tivesse atrás, chegasse até no ponto o outro já tivesse passado também, ai aquele que tava atrás se caso ele fosse voltar ou fosse passar por outro ponto, ele pegava aquele ramo e jogava, ele virava ele pra outra direção, aquele que tava lá na frente ele circulava pela região e não via o outro chegar, ele voltava, quando ele chegava se o ramo já tivesse já girado pro outro lado né, e ele ali ele voltava eles demorasse encontrar um com o outro, o que que eles fazia, pegava aquelas pedra né, e batia num numa peça de madeira seca, num pé de pau que tivesse seco e principalmente aqueles que tivesse ocado. O por que que eles sabiam que tivesse ocado a madeira pra fazer o barulho mais alto? Eles experimentavam, batia mais, mais leve quando a madeira zuava seca, dava um tom diferente, ai o som sai bem mais alto. E ali já sabia se era uma vez ou se era duas vezes, era só pra indicar que aquele companheiro tava circulando por ali. Ai se batesse duas vezes era querendo saber se o outro tava ali por perto ou não, se tivesse por perto o outro só dava o sinal lá de novo com um sinal só. E se fosse pra chamar o outro pra ir pra aquele lugar, pegava a pedra batia num pé de pau seco, batia umas três vezes e aí ficava sentado lá aguardando o outro chegar, o outro só marcava a direção chegava lá já pegava o destino pra outra região, e assim eles conseguia também através dos cantos, dos pássaros. Cada canto de pássaro tem seu significado, cada barulho de caça da mata também né, um animal de pelo tem seu significado de acordo com o barulho que ele faz já indica alguma coisa né.

Dentro da mata nos momentos de caçar, existia essa forma de se comunicar que era utilizada e respeitada por todos. Não era qualquer pessoa que poderia ir para a mata caçar, quem iria além de conhecer os meios de se comunicar, também tinha que estar preparado, pois, tinham que conhecer o local onde entraria, e principalmente conhecer e respeitar a ciência para fazer uma caçada dentro do território.

Como o Pajé Déda disse, o meio de comunicação que era muito usado por todos e também era praticamente a única forma que as pessoas tinham naquela época para todos se comunicarem era o recado, pois, não tinham celular, orelhão, rádio transmissor, etc. Antigamente as pessoas se comunicavam muito através de recado, a pessoa dava o comunicado para uma pessoa próxima, essa pessoa passava esse comunicado para outra pessoa de uma aldeia próxima, e assim acontecia até que todos do território estivessem sabendo do recado. Como não tinha outra forma de se comunicar, todas as pessoas que

recebiam aquele recado se importavam em repassar o mais rápido possível esse recado para o outro, com isso eles conseguiam planejar as coisas dessa forma. Esse comunicado chegava a todas as pessoas do território Xakriabá em no máximo dois ou três dias, que para as condições de comunicação da época era um período muito rápido. O Cacique Domingos Xakriabá falou um pouco sobre essa forma de se comunicar:

Já foi falado, algumas pessoas sobre meios de comunicação que a gente tinha antes, que na verdade o antes da gente era o boca a boca, que a gente articulava todo nosso trabalho. Pra gente era muito eficiente, eu não sei como, mas naquela época não tinha o telefone, não tinha nenhum meio de transporte e quando era pra articular qualquer movimento, qualquer reunião esse anuncio chegava muito rápido até as pessoas. Mas eu acho que por não ter outras opções o povo todo se empenhava a fazer essa comunicação no boca a boca mesmo com as pessoas, então pra gente era bastante eficiente.

Com isso podemos pensar se isso funcionaria nos dias de hoje, como estamos tão adaptados com a facilidade das tecnologias e as redes sociais atuais, talvez muitos, principalmente os jovens, acham que se comunicar dessa forma seja até impossível. Mas como podemos perceber através da fala do Pajé Déda e do Cacique Domingos, essas formas tradicionais do povo Xakriabá se comunicar, eram e podem ser eficientes até os dias de hoje, por isso devemos sempre conservar e lembrar sobre esses meios de se comunicar, com isso sempre preservar esses costumes, pois, essa forma de se comunicar também faz parte da cultura do povo Xakriabá.

4. A APROPRIAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Figura 4 – Pajé Deda



Arquivo pessoal do autor

Com o passar dos anos as tecnologias de comunicação foram se aproximando e chegando para dentro do território Xakriabá, algumas foram trazidas pela FUNAI para se comunicar com os funcionários que trabalhavam no território, outras chegaram através do Cacique Rodrigo que nas viagens que fazia conseguia comprar e trazer para o território. Tudo era uma grande novidade para as pessoas, pois, como ninguém nunca tinha tido contato e nem conhecia essas tecnologias todos admiravam muito quando viam essas tecnologias chegar.

Em uma viagem, o Cacique Rodrigo conseguiu um rádio, como era costume sempre compartilhar as novidades com as pessoas dentro do território, quando ele chegou avisou para as pessoas sobre aquele rádio que tinha trago e como ele funcionava, todos ficaram muito curiosos com aquilo, até o nome todos achavam diferente. Com isso aquela notícia sobre o rádio foi chegando às pessoas das aldeias. Todos ficaram muito curiosos e iam à casa do cacique para conhecer o rádio.

Em sua fala o Pajé Déda conta sobre isso:

O primeiro rádio que ele trouxe ninguém sabia o que era rádio, até o nome era diferente, todo mundo achava estranho, por que um aparelho tão pequeno e vinha com tantas informações, e dar recado de muitas outras regiões que o pessoal só ouvia falar daqueles antigos quando fazia uma caminhada e chegava e falava dessas informações né. O primeiro rádio que veio foi o nosso Cacique Rodrigão que veio e trouxe e aí chegou na casa do pai dele, o pessoal fazia fila, chegava gente de outras aldeias, do Barreiro, Sumaré, Morro Falhado pra vim pra Imbaúba é, saber de algumas informações que vinha do governo, de outras regiões que ninguém sabia como que funcionava aquilo ali.

Em outra viagem o Cacique Rodrigão conseguiu trazer uma televisão, como aconteceu com as rádios as pessoas também admiraram muito quando viram como a televisão funcionava. Todos se surpreenderam muito quando chegaram e viram aquela televisão, muitos se perguntavam como poderia acontecer isso, uma pessoa entrar dentro daquela caixinha e ficar conversando. As pessoas ficaram muito surpreendidas, pois, diferente do rádio, a televisão conseguia ouvir a voz e ver a imagem. Então as pessoas vinham de todas as aldeias e ficavam dia e noite assistindo, quando saia uns chegavam outros, e as pessoas gostavam muito daquela novidade que estavam conhecendo.

Sobre isso o Pajé Déda comenta:

As primeiras televisões que chegou em nossa região, é foi quando o Cacique Rodrigão que fez uma viagem pra Brasília e por lá ele conseguiu trazer uma, uma televisão tanto que quando ele trouxe uma televisão, trouxe televisão e o rádio, aí o pessoal aproximava bastante na casa dele, pra poder escutar as informações que tava passando no Brasil. Primeiro veio o rádio e depois veio a televisão.

E quando veio a televisão também foi umas das melhor, maior admiração, por que além de escutar a voz já vinha também a imagem, e aí o pessoal era dia e noite na casa dele, enquanto uns saia outros ficava, já saia meia noite duas horas da manhã, quando era no outro dia de manhã também já vinha mais outras pessoas, aqueles eu já tinha vindo, outros que nunca tinha vindo ia chegando pela primeira vez né, envolvia ali naquelas notícias, ficava todo mundo admirado ali, mas no momento todo mundo ficava em silencio.

Como podemos perceber através da fala do Pajé Déda, antigamente a principal pessoa que trazia essas informações e tecnologias para dentro do território era o Cacique Rodrigão, isso porque ele era a pessoa que saia do território para viajar. Com isso ele foi um dos primeiros Xakriabá que conhecia e tinha contato com qualquer tipo de tecnologia desconhecida no território. Ele tinha essa preocupação de trazer essas tecnologias para que as pessoas do território conhecessem, pois, sabia que um dia todos teriam que conhecer e passar a utilizar.

O Cacique era a única pessoa que sabia mexer nesses aparelhos, ele utilizava essas tecnologias como uma forma de unir e aproximar as pessoas, depois que as pessoas assistiam ou ouviam qualquer coisa, ele fazia um momento de conversa, uma palestra

com todos que estavam ali e explicava sobre o respeito que tinha que ter, falava sobre união das pessoas e também sobre as tecnologias, que era importante que todos conhecessem e aprendessem utilizar, pois, um dia todos precisarão utilizar essas tecnologias. Sobre isso o Pajé fala:

Então foi é uma forma ali que conseguiu aproximar muito dos nossos parentes, pra poder saber que tipo de aparelho era aquele, e não sabia como funcionava, só era o cacique Rodrigão que conseguia ligar esse radinho. Quando passava uma missa ali, podia tá o tanto de gente que tivesse, se tivesse vinte ou trinta pessoas por ali, enquanto não acabava aquela missa, ninguém saía também, todo mundo em silêncio ali ó, assistindo a missa e nosso cacique Rodrigão explicava um pouco sobre isso também, questão do respeito que tinha pela missa e que era uma aproximação ali, que o pessoal tinha que ter essa união e o reconhecimento tanto por ele e o reconhecimento também dessa tecnologia que tava vindo né, que era uma coisa necessária que todos também precisavam colocar na mente que um dia todos ia precisar dessas tecnologias que uma das primeiras foi essas.

Hoje podemos ver que essa preocupação do Cacique Rodrigão para que as pessoas conhecessem e aprendessem a utilizar essas tecnologias era muito importante. Nos tempos atuais são poucos que não sabem ou conseguem utilizar algum tipo de tecnologia, e isso é muito importante, pois, sabemos que nos tempos atuais as tecnologias estão muito presentes nas lutas dos povos indígenas, seja para registrar momentos de luta e resistência através de fotos, vídeos, áudios, nas redes sociais de entretenimento como, *facebook*, *instagram*, *youtube*, *podcasts*, etc. Quando o indígena utiliza alguma ferramenta criada pelo não índio, ele não utiliza apenas como uma ferramenta de entretenimento para distrair e passar o tempo, mas também utilizar como uma ferramenta de luta, para ajudar nas lutas e desafios diários enfrentados pelo povo.

A partir de 1996 foi quando começaram a chegar os orelhões na região, primeiro chegou em S. J. das Missões, depois no Distrito de São José no município de Manga, próximo do território Xakriabá. A partir daí foi chegando para dentro do território. Foram escolhidas as aldeias que eram consideradas como referência na época para instalar os primeiros orelhões, por exemplo, aldeia Brejo Mata Fome (Sede), Sumaré, Riacho Do Brejo, Prata Imbaúba, Caatinginha. Foi uma novidade para muitos e todos cuidavam e zelavam bastante daquilo que foi uma conquista muito boa para o povo Xakriabá, pois a partir daquela época melhorou muito a comunicação das pessoas dentro e fora do território. Assim melhorou muito a comunicação das pessoas que estavam dentro do território com as pessoas que saíam para outras cidades ou estados para trabalhar, principalmente em corte de cana que era uma atividade que empregava muita gente na época.

Antes de ter o orelhão dentro do território a comunicação acontecia através de cartas ou recados quando a pessoa não sabia escrever. Quando uma pessoa saía para trabalhar e ficava por muito tempo ela esperava algum companheiro que foi junto com ele voltar para o território para mandar informações sobre como ele estava, também ele já pedia que quando a pessoa retornasse para trabalhar ele trouxesse informações de como seus parentes e amigos estavam no território. Muitas vezes esses recados demoram meses e até anos para chegar nas pessoas. Sobre isso o Pajé Déda contou:

E aí quando veio, depois veio os aparelhos que foi o orelhão na época, isso foi a partir de 1996 e a gente teve o conhecimento dos primeiros orelhão que foi em Missões, lá no povoado de São José e daí pra cá que foi trazendo mais para próximo, tinha na Vargem Grande, foi aproximando aí chegou a ponto que dessa época pra cá foi conseguido um projeto que conseguiu trazer pra aldeia Brejo, Riacho do Brejo, Prata, Caatinguinha, Sumaré, e por aí ficou mais fácil também é, o pessoal comunicar também com as pessoas que ia para as outras regiões.

4.1 Adaptação com as tecnologias

Figura 5 – 2º Encontro e 1º acampamento da juventude Xakriabá



Arquivo pessoal do autor

A partir do momento que o povo Xakriabá foi tendo contato com essas tecnologias, como: televisão, rádio, orelhão, smartphone, e vários outros tipos de tecnologia, foi necessário acolher e se adaptar, pois, também foi uma necessidade que o tempo trouxe. Como já era previsto pelo Cacique Rodrigão quando aconselhava as pessoas para não terem medo de conhecerem e passarem a utilizar essas tecnologias, que um dia todos teriam que passara utilizar. Sendo assim, como as pessoas começaram a sempre ter contato com algum tipo

de tecnologia, elas foram se acostumando e se adaptando e com o passar do tempo as pessoas perderam o medo, se adaptaram e passaram a utilizar, pois, também essa foi uma necessidade e exigência da *modernidade* para que as pessoas não ficassem paradas no tempo e perdessem as oportunidades. O Pajé Déda lembra sobre a adaptação com essas tecnologias:

O nosso povo também foi adaptando um pouco também com essa tecnologia que foi chegando, foi aproximando de pouco a pouco. E ai o pessoal foi ver que isso era momento mesmo de acolher por motivo de necessidade, devido aquilo que se passava dentro do território, as dificuldades, e cada coisa também o tempo é que vem trazendo essas mudanças, e ai só que ninguém também chegou a ponto de ignorar, a tecnologia, e ai chegou um certo tempo que hoje, muitas pessoas já usa essa tecnologia avançada. E a partir disso hoje tá ai esse momento das oportunidades que cada tempo que foi fazendo, foi trazendo é essas mudanças e o pessoal foi acolhendo, e ai mas hoje ainda existe as duas formas de comunicar.

Essas tecnologias chegaram e as pessoas foram se adaptando pouco a pouco, até não terem mais medo e receio de utilizar. Mesmo assim, a utilização de uma tecnologia não acabou com outras formas de se comunicar, como explica o Pajé Deda. O que acontece é que essas diferentes formas de comunicar convivem umas com as outras.

O smartphone, por exemplo, não tem muitos anos que passou a ser utilizado pelo povo Xakriabá, por alguns relatos são aproximadamente de 12 a 13 anos, mas foi uma tecnologia que foi aceita muito bem pelas pessoas dentro do território, isso por que ela desenvolve várias funções em um único aparelho, pela facilidade que alguns aplicativos de comunicação têm, e até mesmo por ser uma necessidade atualmente saber utilizar essa nova tecnologia. O celular hoje é muito utilizado, no entanto não é todo mundo que usa e cada um usa de um jeito diferente - uns usam mais e outros menos.

Essas tecnologias trouxeram muitos benefícios para ajudar o povo Xakriabá, mas como foi lembrado pelo Cacique Domingos, essas tecnologias não trazem apenas benefícios, sempre existem os dois lados: o lado bom e o lado ruim. Ele explica que muitas pessoas utilizam essas tecnologias para usar em seu benefício para resolver ou satisfazer alguma necessidade própria ou de um coletivo, mas também tem aquelas pessoas que utilizam com má intenção, para fazer mal com alguém, ou até mesmo prejudicar de alguma forma os caciques e as lideranças. O cacique Domingos fala um pouco sobre isso:

Tem ajudado a gente bastante, mas também não deixa de ter os malefícios também, a gente da mesma forma que a gente utiliza pra fazer o que é bom ao nosso povo, a nossa população, resolver aquilo que a gente precisa, outras pessoas que queiram utilizar também para o mau eles utilizam também pra perseguir, a organização, pra perseguir nossas lideranças, pra expor, incriminar as nossas lideranças. Então isso também pra

gente, a gente percebe que é por um lado é bom, por outro é ruim. Se fosse utilizado apenas para aquilo que pudesse ser útil, pra o povo acredito que seria melhor ainda.

Em sua fala o Cacique Domingos continua falando sobre os benefícios e os malefícios dessa tecnologia. Para ele, algumas tecnologias trazem mais malefícios do que benefícios para a população. Claro que tudo depende da pessoa e de como essa pessoa vai utilizar essa tecnologia. Mas atualmente, nos dias de hoje as pessoas praticamente são obrigadas a terem contato e a aprenderem a utilizar essas tecnologias, ou seja, querendo ou não as pessoas terão que se adaptar. Sobre isso o Cacique conclui:

Mas a gente sabe que com todas as mudanças que tem hoje de tecnologias vem, vem em benefício, mas vem os malefícios também, e pra gente muitas vezes tem situações que as vezes traz mais maus do que benefícios pra população. Mas a gente tem conseguido se adaptar.

4.2 O smartphone em tempos de pandemia

Durante a pandemia da Covid 19 o smartphone foi uma tecnologia muito utilizada pelas pessoas no território Xakriabá. Como esse vírus durante algum tempo impediu as pessoas de visitarem até o próprio vizinho que mora bem próximo, o smartphone foi um aparelho que ajudou muito as pessoas na hora de se comunicar e saber notícias de parentes e amigos que moram em outras aldeias ou cidades, assim as pessoas conseguiram se comunicar, passar algum recado, informação, etc. O Pajé Déda fala um pouco sobre isso:

E o celular por exemplo, no tempo da, agora no tempo da epidemia, foi uma peça principal também pra esses meios de comunicação né, que ajudou muito pra o nosso povo Xakriabá porque ninguém podia sair de casa, tinha que tá comunicando pra saber como é que os parentes tava se passando.

O Cacique Domingos relata que o smartphone também foi um meio de comunicação muito eficiente durante a pandemia, pois, ajudou na comunicação entre as pessoas da aldeia, com caciques, lideranças, comunidade e demais pessoas, para a organização contra esse vírus e tentar impedir que ele chegasse na aldeia. Com suas palavras o Cacique Domingos relata: “Nessa pandemia que teve, eu acho que foi um veículo de comunicação muito eficiente, para nos ajudar na comunicação, na organização contra essa pandemia eu acho que contribuiu bastante.”

O Pajé Déda conta como ele fazia para atender as pessoas e passar os remédios aos que estavam precisando durante a pandemia:

Enquanto os nossos companheiro que trabalhava, no fortalecimento da espiritualidade tinha sua forma de comunicar, mas também a hora que precisava também que viesse alguém pra receber um remédio, um atendimento, uma pessoa vinha já trazia o nome escrito, já vem já trazia um papelzinho ali escrito, a pessoa já olhava ali também, já via o

que que tava precisando, ali já a mesma pessoa que fazia o acompanhamento ali, já pegava, arrancava os remédio, mandava ali o aviso pelo celular, pelo whatsapp, e por ali já ficava informado de muita coisa, então isso foi uma coisa que ajudou e hoje nosso povo também tá usando mais a tecnologia a nosso favor.

Podemos perceber que durante a pandemia o povo Xakriabá utilizou essa tecnologia para conseguir fazer algumas atividades que antes eram feitas somente presencialmente, dessa forma podemos concluir que a fala do Cacique Domingos está correta quando ele fala dos dois lados dessa tecnologia, o lado bom e o lado ruim. Como as pessoas estão tendo que utilizar as tecnologias, elas estão utilizando a nosso favor, e isso é uma coisa muito boa para as pessoas do povo Xakriabá, pois, o indígena quando se apropria de tecnologias criadas pelo não índio, muitos tem essa preocupação de utilizar não para atrapalhar, mas para ajudar nas atividades do dia a dia e nas lutas para a conquista e defesa dos nossos direitos.

Atualmente a maioria das pessoas dentro das aldeias tem um smartphone, muitas pessoas mais velhas que não sabem ler, utilizam o smartphone para mandar e receber mensagens de áudio ou receber ligações de parentes e amigos que estão distantes, sempre com a orientação de uma pessoa mais jovem ou alguém que sabe ler. Muitos utilizam o celular para além de se comunicar com parentes e amigos, para trabalhar ou fazer pesquisas para obter novos conhecimentos. Alguns pais de crianças pequenas utilizam o celular para a criança se envolver enquanto eles fazem alguma atividade, o que pode gerar ou se transformar em um problema dependendo de como é feita essa utilização do smartphone pela criança.

Hoje em dia as pessoas do território se apropriaram dessa ferramenta tecnológica que é o *smartphone*, para utilizar a nosso favor e nos ajudar nas lutas que temos no dia a dia. Atualmente existem vários indígenas que utilizam as redes sociais para estar mostrando nossa cultura, defendendo e valorizando nosso povo e as nossas lutas diárias. Existem vários indígenas Xakriabá que tem suas redes de luta através das redes sociais como: *Facebook, Whatsapp, Youtube, Instagram, Twitter, etc.* Isso mostra para as pessoas que não deixamos de ser indígenas e nem somos piores que ninguém por estar utilizando essas tecnologias. Muitos não indígenas acham que as pessoas deixam de ser indígenas por estar usando um celular, um computador, ter uma casa, um carro, etc. Foi como o Pajé Déda disse na conversa que tivemos:

E aí nem todas pessoas também tem, essa habilidade, mas com ajuda dos parentes, isso vai pegando por geral, todo mundo vai conseguindo também ter essa capacidade de desenvolver um dia esses aparelhos. Então isso foi uma coisa que ajudou e hoje nosso

povo também tá usando mais a tecnologia a nosso favor, por exemplo, teve as noites cultural antes da epidemia, e por ali é sempre era orientado pra usar a tecnologia a nosso favor, tudo que tava passando que fosse momento de registrar, já ir registrando e conservando também pra poder passar para os alunos.

5. A CULTURA DIGITAL NA ESCOLA

Durante o período de pandemia, como as atividades escolares foram feitas em casa, muitos alunos e professores utilizaram o smartphone para esclarecer algumas dúvidas no momento de planejar ou fazer as atividades, também para fazer pesquisas de trabalhos passados pelos professores. Os professores e alunos têm o contato um do outro para quando precisarem entrar em contato e esclarecer alguma dúvida ou dar algum recado. Alguns criaram grupos da turma no whatsapp já para facilitar na hora da comunicação para tirar dúvidas dos alunos. O uso do smartphone não ficou restrito apenas no momento da pandemia, mas logo após o período mais crítico até os dias de hoje o uso dessa tecnologia está presente dentro das escolas.

Em uma conversa/entrevista que tive com um jovem professor que trabalha na Escola Estadual Indígena Bukimuju da Aldeia Brejo Mata Fome, Nemerson Gonçalves de Araújo, morador da Aldeia Brejo Mata Fome, atua como professor desde 2019. Ele conta um pouco sobre como conheceu e como utiliza essa ferramenta que é o smartphone.

Ele fala que o uso desse aparelho intensificou bastante durante a pandemia, mas que essa ferramenta foi essencial nesse período em que as pessoas não podiam se reunir presencialmente. Através de sua fala podemos perceber que o uso do smartphone era essencial para os professores, pois, era através dos encontros online que eram feitas as reuniões, planejamentos, aulas, etc.

O uso do celular durante a pandemia intensificou bastante por causa que a maioria das reuniões, alguns encontros não poderiam ser presenciais, ou até mesmo aulas. Foi bastante intenso o uso do smartphone pra assistir a aula e também para comunicação em massa em geral mesmo.

Como a maioria das pessoas do território Xakriabá, Nemerson conta que utiliza muito a rede wifi para se conectar à internet, ele fala da dificuldade em encontrar sinal de telefone móvel na aldeia, mas que o sinal wifi consegue amenizar a dificuldade de conexão à internet na aldeia, apesar das constantes falhas frequentes do fornecimento de internet por parte dos fornecedores dentro do território.

É aqui eu utilizo por mais tempo o wifi, até porque a cobertura de sinal aqui, de tele móvel não funciona aqui em todos os locais da nossa reserva, principalmente na minha aldeia que os pontos na onde pega sinal mesmo pra ligação, esses negócios são poucos por isso a dificuldade.

Como o território Xakriabá é na zona rural, até os dias atuais as operadoras de telefonia ainda não colocaram antenas para colocar sinal nas aldeias. Por isso, as pessoas utilizam

na maioria das vezes pelo sinal de wifi, pois, existem algumas empresas que fornecem esse serviço dentro das comunidades. Mas tem alguns pontos das aldeias que pegam sinal de algumas operadoras, e quando o sinal de wifi está ruim e as pessoas precisam mandar algum recado urgente, elas procuram esses locais para conseguir acessar a internet ou até mesmo para fazer ligações.

Como vimos nas falas do Cacique Domingos, do Pajé Déda e do professor Nemerson, o smartphone trouxe vários benefícios para as pessoas, ajudando a fazer e resolver várias coisas de um modo novo e diferente. Talvez para uns seja uma forma fácil, mas para alguns pode também ser mais difícil. Como foi dito, essa tecnologia não trouxe apenas benefícios, mas sim alguns malefícios também, isso por que algumas pessoas utilizam essa tecnologia com intenção de fazer coisas ruins. Então esse é um ponto negativo da chegada dessa tecnologia no território Xakriabá. Mas para quem utiliza sem querer prejudicar o próximo, essa tecnologia traz grandes benefícios.

O Cacique Domingos fez uma comparação sobre o modo de vida antigamente e o modelo atual dos dias de hoje com essas tecnologias. Para ele antigamente as pessoas eram mais unidas, o que não se mantém tanto atualmente. Com essas tecnologias de hoje as pessoas que querem aprender coisas para o bem aprendem, e as que querem aprender para o mau também podem aprender com facilidade utilizando essas tecnologias. Apesar das facilidades que existem hoje em dia com as tecnologias ele acha que as pessoas viviam melhor e mais unidas antigamente. Em suas palavras ele fala:

Então, a gente é uma das coisas que eu acredito que é o nosso povo antigamente da forma que viviam, eu tenho a convicção que às vezes era bem melhor a situação, assim a forma de comunicar, a união era outra, a gente percebe que isso já não se mantém tanto. Como hoje, e sem contar que tudo que a pessoa quer aprender hoje, com essa nova tecnologia eles aprendem. Aqueles que têm interesse de aprender para o bem aprende para o bem, aqueles que têm interesse de aprender para o mau, está exposta em todas as redes sociais pra quem quiser acessar e ter essa oportunidade de acessar então eu acredito que é benefício, mas também e malefício também hoje pra gente, e é mais ou menos isso.

Com isso, vemos que o smartphone durante a pandemia foi muito utilizado pelo povo Xakriabá. Sendo utilizado para várias funções, desde mandar mensagem para um parente, fazer atividades do trabalho, diversão, entre várias outras atividades que é feita com o smartphone. Podemos dizer que essa tecnologia nesse momento trouxe muitos benefícios para nosso povo, pois, através da utilização do smartphone pelos nossos caciques, lideranças e população em geral, conseguiu resolver o organizar várias coisas que sem ela não seriam resolvidas. Essa tecnologia foi utilizada de uma forma positiva pelo nosso

povo, que também se adaptou muito rápido, até porque muitas pessoas foram praticamente obrigadas a aprender utilizar por causa das necessidades do dia a dia.

5.1 O uso do smartphone

O professor indígena Xakriabá utiliza o smartphone para várias funções e atividades, por exemplo, para o uso pessoal, para encontrar e elaborar material para trabalhar dentro da sala de aula com seus alunos, para registrar através da gravação de áudios, fotos ou vídeos, atividades realizadas pelos alunos no período de aula, também para fazer cursos preparatórios para adquirir novos conhecimentos e melhorar no desempenho dentro da sala de aula, entre outras atividades.

Com isso podemos perceber que no território Xakriabá, mais especificamente nas escolas, os professores e alunos mudaram muito aquela forma antigamente de aprender, ensinar, pesquisar, etc. Pois, antigamente tanto os professores, como os alunos para aprender ou ter novos conhecimentos sobre alguma coisa, a melhor forma de pesquisar e aprender era através da leitura dos livros didáticos impressos, jornais, revistas, entre outros. Não se pode dizer que essas formas de pesquisar e aprender eram ruins e foram extintas, até porque não são todas que têm a facilidade de utilizar essas novas tecnologias, e por isso utilizam para poucas tarefas ou preferem não utilizar para nada. Também tem aquelas pessoas que têm facilidade de utilizar essas tecnologias, mas que por escolha própria preferem não utilizar.

Mas pode se perceber que esse modo de aprender mudou para muitos, pois, quando algumas pessoas querem tirar algumas dúvidas, aprender alguma coisa nova, até mesmo fazer o plano de aula no caso dos professores, pelos relatos das pessoas que conversei durante a pesquisa, elas utilizam muito a forma de pesquisar no *Google* ou procurar algum site específico que fala sobre o assunto para ajudar, pois, quando pesquisa dessa forma ou fala o que quer saber, já aparecem muitas informações sobre aquele assunto, às vezes até mais do que a pessoa achava que iria encontrar. Então com isso muitas pessoas estão optando em fazer pesquisa dessa forma. E aquelas pessoas que não tem facilidade em mexer com o smartphone ou computador para pesquisar, mas que querem fazer a pesquisa dessa forma, pedem ajuda para outras pessoas ajudarem a fazer a pesquisa com essas tecnologias.

Como o smartphone é uma ferramenta tecnológica que possui várias funções em um único aparelho, o professor muitas vezes além de utilizar ele para fazer registros de atividades através de fotos, áudios, vídeos, que também é uma forma de armazenar esses registros para utilizar em outros momentos, ou mesmo para no futuro olhar e relembrar esses momentos registrados. O professor também utiliza o smartphone para passar filmes, vídeo aulas, vídeos de registros feitos em outros locais com outras pessoas, etc.

Em suas palavras ele conta sobre quando conheceu o celular, que foi a aproximadamente uns 12 anos atrás, é mais ou menos a época que a maioria das pessoas do território Xakriabá conheceram. Ele relembra sobre os primeiros modelos de celulares da época que ele conheceu, que eram os celulares de botão. Que naquela época era uma novidade para todos, aquele pequeno aparelho com todas aquelas funções. Ele não teve dificuldades em aprender a usar os primeiros celulares e o smartphone, como ele era jovem adolescente, gostava de ficar mexendo e com isso aprendeu com facilidade. Nemerson comenta sobre esse celular: “Conheço o smartphone sim, aproximadamente uns dez anos aí. A dificuldade pra aprender mexer no smartphone eu não tive, sou da época daqueles celularzinho de botões, aqueles lá que tinha um monte de tecla lá.”.

Me lembro que meus pais também tinham um desses celulares que Nemerson falou, todos achavam eles muito bonitos e com muitas funções interessantes. As pessoas também gostavam muito dos jogos que tinham neles. Já atualmente, quando as pessoas lembram desses primeiros celulares, muitos acham graça, pois, como hoje existe o smartphone com tecnologias muito mais avançadas, atualizadas e com funções que naquela época ninguém nem imaginava que um aparelho desse poderia ter, eles lembram e comparam.

O professor Nemerson comenta um pouco sobre a importância desse aparelho atualmente que é o smartphone. Como o Cacique Domingos e o Pajé Déda falou anteriormente em suas falas, ele também lembra que essa tecnologia pode trazer muitos benefícios para o povo Xakriabá se for utilizado de forma correta, tanto para a pessoa que utiliza esse aparelho, e também para a comunidade nos momentos coletivos de reunião, confraternização, de aula, etc. Pois, com o smartphone a pessoa pode fazer muitos registros através de gravações, fotografias, entre outras formas de registros que podem ser utilizadas e mostradas nesses momentos coletivos.

Fala de Nemerson:

É assim, essa tecnologia traz alguns benefícios, se for usada com intuito de alguma atividade que não seja pra prejudicar ninguém. Eu acho que essa tecnologia na comunidade ajuda bastante, pode ser em divulgações, gravações de vídeos, pra tá registrando alguns momentos históricos que acontecem na comunidade e em outros locais.

Ele conta um pouco sobre sua experiência e como o uso do smartphone está presente na hora dos planejamentos, correções de atividades e até mesmo na hora da aula. Percebemos que o smartphone ajuda muito, pois, como é um aparelho que se consegue armazenar e guardar muita coisa, ele arquiva muitas matérias que são utilizadas nos momentos de aula. Ele fala sobre o assunto:

Planejamento sim, usei o celular pra ajudar nos planejamentos e algumas correções, por que algumas vezes baixava os textos aqui que precisava passar atividades para os alunos pelo celular e já lia no celular já montava as questões no celular mesmo, no aplicativo de digitar aqui do celular e sempre na aula é um auxílio também. A gente esquece, tem algum dicionário que a gente precisa usar, as vezes não tá com o computador na sala de aula, já pega o celular do bolso, já vai lá rapidinho, pesquisa.

Além de guardar e armazenar os arquivos, ele também utiliza a função de digitar, para montar as atividades e mandar para os alunos. Nesses últimos anos durante a pandemia muitas vezes ele já digitava e enviava as atividades para os alunos, tudo feito através do smartphone.

Assim vemos como ele utiliza o smartphone dentro da sala de aula, que o smartphone ajuda a tirar dúvidas no momento em que ele esquece alguma informação que precisa passar para os alunos. Como ele mesmo disse, o celular é um auxílio dentro da sala de aula, quando ele esquece alguma coisa só pega no bolso e pesquisa para não passar informação incorreta para os alunos.

Em sua fala ele comenta que os alunos utilizam o celular na hora de resolver algumas atividades. Quando ele fala algumas atividades, é porque como nas escolas indígenas tem algumas matérias específicas da escola indígena de cada povo, tem atividades que o aluno não vai encontrar através de pesquisas na internet. São atividades que devem ser e são pesquisadas com pessoas do território, nas matas, com caciques, lideranças, anciões, etc. Ele parabeniza os alunos que utilizam o smartphone na hora de resolver atividades e buscar novos conhecimentos, pois, estão utilizando essa ferramenta tecnológica de uma forma que seja benéfica para nosso povo.

E sim eu acho que os alunos é dependendo de algumas atividades, sim eu acho que utilizaram bastante também o celular pra resolver as atividades. Eu acho assim que, se eles utilizaram pra esse fim, essa finalidade, é parabéns, por que tá usando aí não só pra redes sociais e outras coisas, mas eles tá usando a favor de seus estudos, seus aprendizados.

No território Xakriabá o uso do smartphone vem crescendo a cada dia, atualmente desde os jovens até os mais velhos, até alguns anciões do território querem ter esse aparelho. O jovem professor Nemerson Xakriabá, que é uma das lideranças do movimento da juventude Xakriabá e sempre está presente em reuniões e participa de grupos no whatsapp junto com a juventude, caciques e lideranças do povo Xakriabá, conta como atualmente é feito as convocações e convites via grupos do whatsapp para eventos e reuniões importantíssimas dentro do território: “Utiliza bastante o celular, nos grupos aqui internos de reuniões, até mesmo para convocar as várias pessoas que estão espalhados nesses cantos da reserva ai, pra reuniões de extrema importância, para o povo e com o povo.”.

Quando perguntado sobre “como o povo Xakriabá utiliza o smartphone”, Nemerson Xakriabá compara com a forma das outras etnias indígenas usarem. Para ele a forma de utilizar é praticamente a mesma em todas etnias, ele ressalta a importância desse aparelho, pois, facilitou muito a comunicação com as pessoas das outras etnias, que antigamente levava muitos dias e às vezes até meses. Atualmente essa comunicação é feita muito rápida dependendo do acesso ao sinal de internet das pessoas que querem se comunicar. “A maneira de o Xakriabá usar o celular acho que provavelmente é da mesma forma que as outras etnias usam, e também gera um vínculo ali entre, mais presente assim no digital como em outros povos mais longe, a comunicação ela chega mais rápida.”.

No final da conversa perguntei para ele, se ele achava que o povo Xakriabá atualmente conseguiria viver sem a utilização do smartphone. Em sua resposta ele fala que isso possa ser praticamente impossível atualmente, isso porque hoje em dia o smartphone tem várias funções tanto na hora de se comunicar, esse aparelho foi introduzido na vida das pessoas, que é quase impossível as pessoas não terem a necessidade de utilizar esse aparelho para alguma atividade do dia a dia.

Viver sem o celular hoje mesmo dentro das reservas indígenas, dentro dos territórios indígenas, eu acho que quase impossível, por que pelo devido ao encaminhamento ai, com o passar do tempo as tecnologias foram mudando, as várias formas como já disse de comunicação, entre outras coisas, de registrar momentos, está muito ligado ao celular, eu acho que seria muito difícil viver sem celular nos dias atuais.

5.2 O uso do smartphone pelos jovens

Figura 6 – 2º Encontro e 1º acampamento da juventude Xakriabá



Arquivo pessoal do autor

No final do ano de 2021 tive uma breve conversa com o jovem estudante da E.E. Indígena Bukimuju, Kelvis Duank Ribeiro De Oliveira, 14 anos de idade, estudante da 8ª série (9º Ano), morador da aldeia Imbaúba II, sobre como ele conheceu e sobre o uso do smartphone pelo jovem dentro da aldeia.

A conversa que tive com o professor Nemerson e com o jovem Kelvis foi feita através do aparelho de smartphone, pelo aplicativo whatsapp, pois, como nesse período em que estava fazendo as pesquisas para o desenvolvimento do meu trabalho, a transmissão de Covid-19 dentro das aldeias estava em alta, com isso foi necessário utilizar essa ferramenta tecnológica para reinventar essa nova forma de fazer pesquisa dentro do território, que na maioria das vezes são feitas presencialmente, com o diálogo face a face entre o entrevistador e o entrevistado.

Apesar das dificuldades por ser uma nova experiência nesse formato de fazer pesquisa/entrevista, o smartphone ajudou muito durante a pesquisa e desenvolvimento do meu percurso acadêmico. Assim, entrei em contato com os entrevistados e enviei as perguntas através de áudios e mensagens escritas. Com isso, eles me retornaram dessa mesma forma, respondendo às respostas via áudios e dessa forma conseguimos construir

esse material juntos. Dessa forma podemos ver e relatar na prática sobre como essa tecnologia que é o smartphone pode nos ajudar em vários momentos quando é necessário à sua utilização.

Em sua fala o jovem Kelvis Duank lembra sobre como ele conheceu o smartphone. Ele conta que foi a mais ou menos uns 6 anos atrás, que o pai dele que trabalha fora da aldeia comprou um celular e quando retornou no período de férias no final do ano trouxe esse aparelho para casa. E foi assim que ele teve o primeiro contato com o smartphone.

“Não me lembro muito, mas acho já tem uns 6 anos, conheci através do meu pai, ele tinha comprado um celular novo e trouxe para casa. Nesse momento que eu conheci o celular”.

A partir de quando ele teve esse primeiro contato com o smartphone ele começou a utilizar, mas ainda não tinha o seu próprio celular. Dois anos depois dele conhecer o celular, ele também ganhou um para ele e passou a usar o smartphone com mais frequência para várias atividades durante o dia. Ele relata que a maioria do tempo utiliza para ver mensagens que recebe, mas como o aparelho tem muitas funções, ele também utiliza para realizar outras atividades de entretenimento durante o dia, como assistir vídeos, filmes, séries, etc.

“Já tem uns quatro anos que ganhei meu celular. Eu o uso várias vezes ao dia. Eu uso meu celular mais para ver as mensagens que me mandam e gosto de assistir a filmes e séries, e gosto muito de ver vídeos no YouTube.”

Em outro trecho de seu relato sobre o uso do smartphone, ele conta como foi a utilização dessa ferramenta tecnológica nos momentos de resolver as atividades escolares no período do ensino remoto nas escolas Xakriabá. Durante o período da pandemia em que as escolas do território Xakriabá também estavam funcionando com o modelo de ensino remoto, não com aulas online, pois, a maioria dos alunos não teriam como acompanhar, pois, muitos não tinham celular, notebook e nem mesmo internet em casa para conseguir assistir as aulas online. A forma de conseguir atender as necessidades dos alunos era os professores elaborarem as atividades e montarem as apostilas com atividades de todas as matérias e entregar na casa de cada aluno para que eles fizessem durante um período de tempo determinado. Com isso, quando chegava essa data marcada os professores passavam recolhendo as atividades novamente nas casas dos alunos, para assim poderem avaliar.

Kelvis relata que quando estava resolvendo as atividades escolares no período da pandemia preferia não mexer no smartphone, pois, dessa forma ele não distraia e ficava focado nas atividades que tinha que resolver. Mas as vezes que ele não compreendia muito bem a atividade que ele precisava resolver, e como não tinha o professor presencialmente para ajudar tirar as dúvidas ele tinha que mandar mensagem para o professor pedindo ajuda ou pesquisar de alguma forma pelo smartphone para tentar esclarecer as dúvidas sobre aquela atividade.

“Quando estou fazendo a atividade escolar eu procuro não mexer no celular porque me distraio e perco o foco, mas as vezes quando eu não entendia a questão eu uso o celular pra mandar mensagem para o professor pedindo ajuda.”.

Dessa forma vemos como o smartphone está ajudando desde o começo de sua utilização pelas pessoas dentro das aldeias. Como foi dito acima para algumas pessoas melhoraram, mas para outras que não tem a facilidade em utilizar essa tecnologia trouxe um problema ainda maior para a vida dessas pessoas.

Kelvis continua durante sua fala, ele relata sobre o uso das redes sociais que utiliza através de aplicativos que tem instalados no seu smartphone. Ele fala de alguns que utiliza com mais frequência, como o Instagram, Whatsapp, Twitter. Ele conta que gasta em média de duas a três horas por dia utilizando as redes sociais, e que utiliza para conversar com familiares e amigos. Para ele, as redes sociais podem servir como uma forma de empreendimento, ou seja, para as pessoas que querem começar a fazer divulgações, vendas online, etc. Ele diz que, para quem tem interesse, as redes sociais podem ajudar muito e se tornar uma fonte de renda.

As redes sociais podem sim nos ajudar, dependendo do ponto de vista, serve pra quem quer empreender, começar seu negócio tanto na divulgação como nas vendas, vendas online e tal, e também pra quem já tem o seu negócio e deseja começar no ramo de vendas online, no meu ponto de vista é isso. Entre outras milhares de possibilidades.

Ele fala sobre a importância desse aparelho hoje em dia na vida das pessoas, como neste aparelho existem várias funções que ajudam resolver muitas coisas no dia a dia, está sendo quase uma obrigação cada pessoas ter um aparelho de smartphone para ajudar nas atividades diárias. Então ele acha que sim, o smartphone passou a fazer parte de nossa vida e que seria praticamente impossível nos dias de hoje viver sem precisar utilizar esse aparelho. Ele fala:

Olha, acho que esse instrumento já passou a fazer parte da nossa vida, ele tem praticamente tudo, ele ajuda muitas pessoas diariamente, eu acho que sem esse aparelho muitas coisas não seriam o que são hoje. Então sim, ele passou a fazer parte da nossa vida.

No final de sua fala ele diz que acha que esse aparelho pode ajudar muito as pessoas dentro do território, assim como os outros entrevistados disseram, ele também afirma que o smartphone se as pessoas utilizarem da forma certa além de ser uma ferramenta de luta, pode ajudar em várias outras atividades diariamente.

6. CONCLUSÃO:

Concluimos o trabalho e através das entrevistas feitas com o cacique, o pajé e os demais entrevistados, pode-se perceber que a cultura digital apesar de ter alguns pontos negativos, foi benéfica para nós povo Xakriabá. Ao conversar com os mais velhos, lideranças e pajés, identificamos que quando as primeiras tecnologias chegaram, eles tiveram uma grande preocupação em propor discussões sobre os conteúdos assistidos na televisão e escutados no rádio. Depois que as pessoas conheciam essas novas tecnologias, como o Pajé Déda falou durante a entrevista, o cacique Rodrigo se reunia com as pessoas e tinha uma conversa falando da importância dessas tecnologias e como que as pessoas deveriam utilizá-las da forma certa para que não prejudicasse as pessoas e a cultura Xakriabá, pois um dia todos teriam a necessidade de utilizar. Assim vemos que através da chegada das tecnologias ele fazia um momento pedagógico para orientar as pessoas das comunidades.

O Pajé Déda contou durante a entrevista que o Cacique orientava as pessoas, ele falava:

“Que o pessoal tinha que ter essa união e o reconhecimento tanto por ele e o reconhecimento também dessa tecnologia que estava vindo, que era uma coisa necessária que todos também precisavam colocar na mente que um dia todos ia precisar dessas tecnologias.”

Mais recentemente, percebemos que as novas tecnologias chegaram de uma maneira mais forte, o que faz com que as crianças e jovens usem o celular sem uma discussão em torno desse uso. Uma estratégia importante seria que esse momento pedagógico de orientação das pessoas que utilizam essas novas tecnologias voltasse a acontecer juntamente com os caciques, lideranças, dentro das escolas do território, entre outros espaços, para com isso as pessoas quando começarem a usar essas tecnologias ter essa preocupação de utilizar de uma forma que seja favorável para as pessoas e também para as lutas e conquistas dentro e fora do território Xakriabá. Assim seria possível propor que as pessoas que utilizam as tecnologias, elas façam um uso para se aproximar dos mais velhos, dos conhecimentos tradicionais, do território e defendendo os direitos indígenas.

Pois, essas tecnologias atualmente chegaram e as pessoas se adaptaram, com isso, elas não têm mais medo e receio de utilizar, como acontecia com as primeiras tecnologias que chegaram dentro do território Xakriabá. Mesmo assim, a utilização de uma tecnologia

não acabou com outras formas de se comunicar, como explica o Pajé Deda. O que acontece é que essas diferentes formas de comunicar convivem umas com as outras.

Essas tecnologias trouxeram muitos benefícios para ajudar o povo Xakriabá, mas como foi lembrado pelo Cacique Domingos, essas tecnologias não trazem apenas benefícios, dependendo da forma e para que as pessoas utilizam, sempre existem os dois lados: o lado bom e o lado ruim.

Sem uma discussão ou práticas que possam orientar o uso dessas tecnologias pelo povo Xakriabá, ela pode ser usada de uma maneira ruim, o que é um alerta constante dos mais velhos desde quando começou a chegar as primeiras tecnologias para dentro do território. Além disso, podemos pensar em uma forma que seja boa para os Xakriabá e que certamente vai indicar uma indigenização das tecnologias e da cultura digital pelos indígenas.

Atualmente Célia Xakriabá utiliza muito a cultura digital como uma ferramenta de luta, para mostrar a cultura do povo e também defender os direitos indígenas. Podemos ver que ela tem essa consciência e preocupação de utilizar as mídias digitais de uma forma que não prejudique as lutas indígenas, mas que através da ocupação desse espaço, a utilização das mídias digitais fortaleça cada vez mais as lutas dos povos indígenas em busca de direitos. Dessa forma ela consegue mostrar a cultura, defender o direito e trazer conquistas para o povo. Ela sempre está em contato frequente com os caciques, lideranças e anciãos do território Xakriabá, assim eles sempre aconselham as melhores formas da utilização da cultura digital.

Figura 7 – Célia Xakriabá, 2º Encontro e 1º Acampamento da Juventude Xakriabá



Arquivo pessoal do autor

7. REFERÊNCIAS

NUNES, Edgar C. (Edgar Kanaykô Xakriabá). *Etnovisão: o olhar indígena que atravessa a lente*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal de Minas Gerais. 2019.

MOTA, Aldemir Marcos de Almeida. *As formas do povo Xakriabá se comunicar*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS (SEE-MG/MEC). ALMEIDA, Inês M. (Edt.). *O Tempo Passa e a História Fica*. 1997.

Formação de educadores e educadoras do campo e indígenas: experiências do PIBID Diversidade FaE/UFMG.

FIEI - ABERTURA SEMINÁRIO CULTURAS DIGITAIS E MÍDIAS INDÍGENAS -
<https://www.youtube.com/watch?v=XwOnt-Ah9TE>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias_da_informa%C3%A7%C3%A3o_e_comunica%C3%A7%C3%A3o